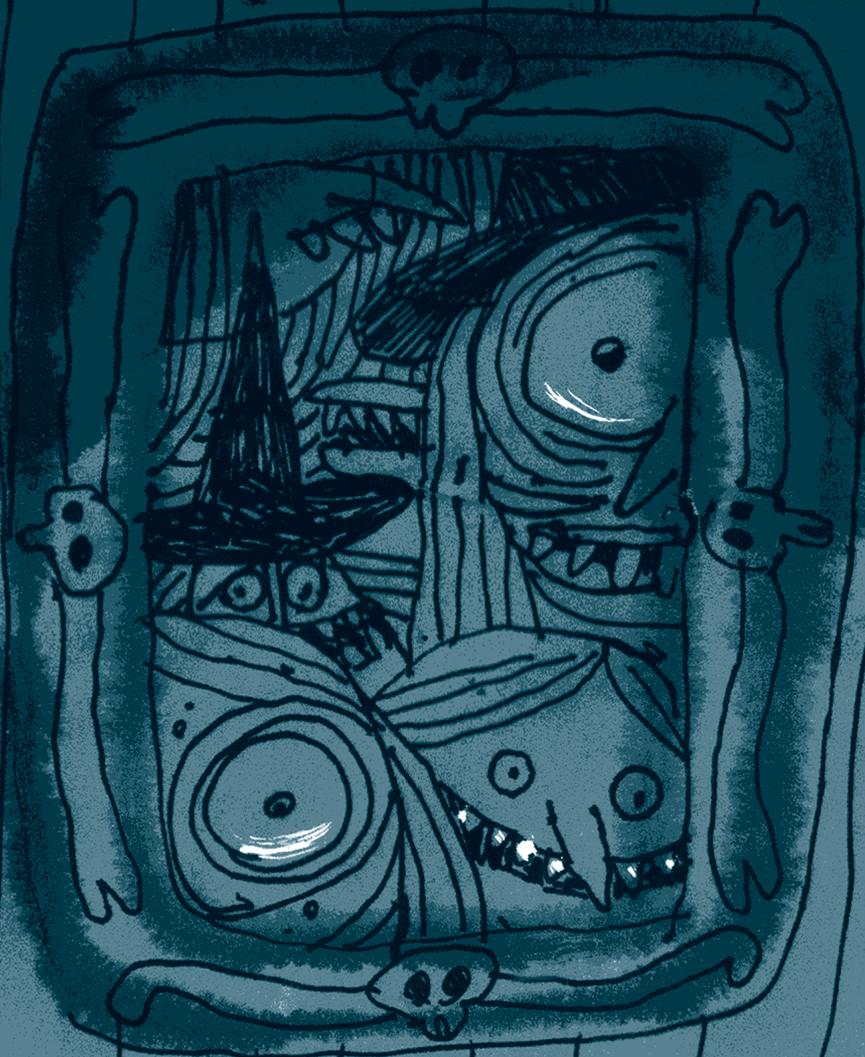


NO ESCURO

Sete Histórias Tenebrosas de Bruxa



Ernani Ssó

Ilustrações Eloar Guazzelli

edelbra

1ª edição, 4ª impressão

Coordenação Editorial: Elaine Maritza da Silveira

Ilustrações: Eloar Guazzelli

Design: Laura Guidali Amaral

Revisão: Press Revisão

S774e Ssó, Ernani

No escuro – Sete histórias tenebrosas de bruxa / Ernani Ssó ;

Ilustrações de Eloar Guazzelli. – Erechim: Edelbra, 2012.

72 p. : il. ; 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-360-1146-2

1. Literatura infantojuvenil. I. Guazzelli, Eloar, ilustrador. II. Título.

CDU 087.5

Catálogo na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

2016

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

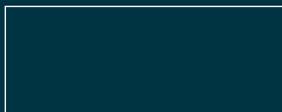
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida

ou copiada, por qualquer meio,

sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.



Ermani Ssó

NO ESCURO

Sete Histórias Tenebrosas de Bruxa

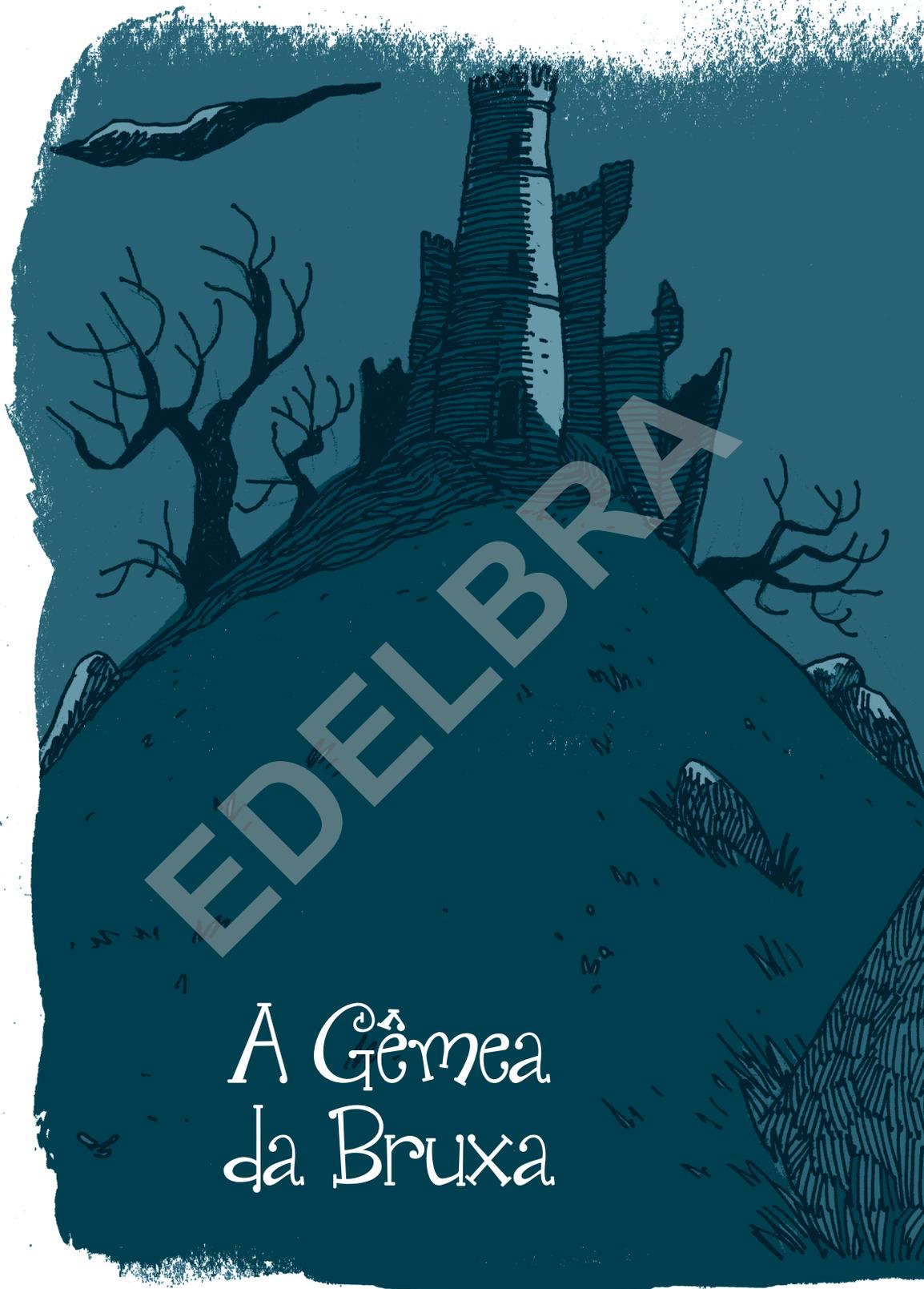
Ilustrações Eloar Guazzelli

edelbra



SUMÁRIO

A Gêmea da Bruxa	6
O Casamento da Bruxa	16
O Natal da Bruxa	26
O Sono da Bruxa	34
A Caçada da Bruxa	42
O Bebê da Bruxa	50
A Galinha da Bruxa	58



A Gêmea
da Bruxa



Na noite mais escura do ano,
na hora mais escura da noite,

Isabel acordou com um grito embaixo da cama. Toda corajosa, Isabel resolveu conferir. Não viu nada. Tentou olhar mais de perto e caiu da cama.

Meio zonza, Isabel se sentou. O quarto tinha sumido — entre as sombras, via a sombra de um castelo em ruínas. Totalmente zonza, ouviu um galope. Em seguida, o cavalo estava quase em cima dela. Isabel saltou pra trás de uma pedra.

A lua cheia surgiu entre as torres do castelo.

Um zunido — e um bumerangue acertou o pássaro que estava no ombro da cavaleira. Ela puxou as rédeas, freando o cavalo — sua cabeleira de ouro e seu manto azul esvoaçaram ao vento. Outro zumbido — e outro bumerangue acertou a mulher na cabeça. Ela ficou estendida na grama, ao lado do pássaro, enquanto o cavalo fugia entre as árvores.

Isabel ouviu passos e se virou para o lado do castelo. Um vulto se aproximava: uma bruxa gorda e capenga.

— Peguei você, maninha — a bruxa disse, rouca.

Recolheu os bumerangues, botou a mulher nas costas e se foi para o castelo. Mas aí parou, dando uma farejada no vento:

— Hummmm, sinto cheiro de carne humana.

Isabel se encolheu mais ainda atrás da pedra.

Depois que a bruxa foi embora, o pássaro se debateu e disse pra Isabel:

— Salve minha dona. Salve a princesa Isabel.

— A princesa tem meu nome?

— Você tem o nome da princesa. Vamos, salve minha dona.

— Mas como eu faço isso?

— Espere a Ermengarda dormir.

— Quem é Ermengarda?

— A bruxa. É irmã gêmea da Isabel.

— Mas são tão diferentes!

— Ela foi amaldiçoada pela mãe. Me bote no ombro — o pássaro disse, meio ordenando, meio implorando.

— Eu indico o caminho.

Foram para o castelo, se escondendo entre as sombras. Sem o pássaro, Isabel não teria coragem. Isso que o coitado estava tonto e quase caiu duas vezes do ombro dela.

Entraram por um buraco na parede, onde as pedras tinham desmoronado. O castelo era frio, úmido, e cheirava a mofo. Seguiram por corredores e



escadarias intermináveis, tateando pelas paredes, se enredando em teias de aranha, pisando em lacraias e escorpiões. Até que pararam diante de uma porta de madeira. Um rato cruzou por cima dos pés de Isabel e ela sufocou um grito.

— Espie pela fechadura — o pássaro cochichou.

Isabel obedeceu.

Havia uma grande vela acesa num castiçal de ferro, no chão. Ao lado, a bruxa dormia num monte de palha. Roncava tanto que as palhas tremiam.

— Agora vamos lá roubar a chave — o pássaro cochichou de novo.

Isabel ficou dura.

— Vamos — o pássaro ordenou, muito mandão.

Isabel abriu a porta. Era pesada como o mundo e rangeu como os dentes de um dragão.

A bruxa fungou.

Isabel deu um passo pra trás.

A bruxa teve um tremelique nas pernas. Um pé era de gente, o outro parecia um casco de cavalo.

O pássaro mandou Isabel continuar.

A bruxa começou a roncar de novo.

Bem de mansinho, Isabel foi até o monte de palha. A chave estava no bolso da saia, via-se a ponta. Mas quase em cima dela estava a mão da bruxa: gorda, peluda, com unhas de tamanduá.

Isabel teve certeza: ia desmaiar se tocasse naquela mão.

O pássaro voou do ombro de Isabel e bicou a orelha da bruxa. A bruxa se estapeou, resmungando:

— Pernilongo desgraçado!

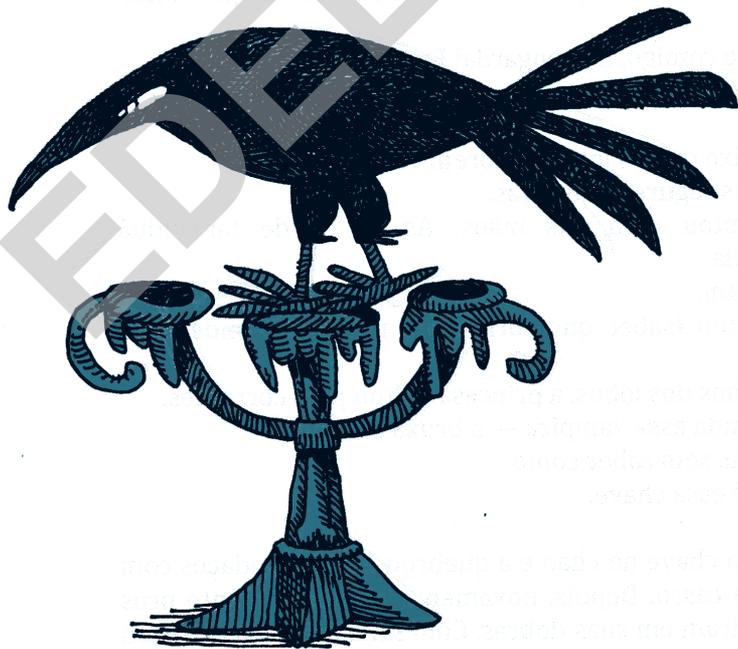
Isabel aproveitou e pegou a chave. Foi tudo tão rápido que o coração dela quase parou.

O pássaro voltou pro ombro de Isabel.

— Apague a vela, menina. A bruxa morre de medo do escuro.

Isabel obedeceu.

Outra vez tatearam por corredores e escadarias, outra vez se enredaram em teias de aranha, outra vez Isabel



pisou em lacraias e escorpiões. Ela jurava que estavam perdidos e que ouvia os passos da bruxa logo atrás. Mas, por fim, diante de uma porta, o pássaro disse:

— Chegamos.

Isabel abriu a porta. Também era pesada como o mundo e rangeu como os dentes de um dragão. Isabel quis fugir, mas não sabia como, nem pra onde. Aí viu a princesa acorrentada na parede de pedra, à luz de outra vela num castiçal de ferro todo torto.

Era linda, com seu manto azul, a longa cabeleira de ouro, o rosto de menina. O ferimento na cabeça ainda sangrava. Também sangravam os pulsos presos nas correntes.

— E a Ermengarda? — a princesa balbuciou.

— Dorme — o pássaro disse, voando do ombro de Isabel para a haste do castiçal.

— Então me ajudem, estou quase desmaiando.

Mais que depressa, Isabel pegou a chave e libertou a princesa.

— Se apoie em mim, majestade.

A princesa era tão delicada que parecia que ia se quebrar se alguém a tocasse. Mas então ela agarrou Isabel pelo pescoço e gritou:

— Você é minha!

— Os olhos são meus — o pássaro disse, preparando-se para arrancá-los a bicadas.

Isabel chorou:

— Vocês me enganaram.

— Quem manda ser besta?

Isabel começou a berrar por socorro.

— Não adianta, pirralha, minha maninha tem um sono de pedra.

Isabel começou a espernear feito louca.

— Não adianta, pirralha, tenho a força de dez homens. Daqui a pouco, depois de beber o seu sangue numa taça de cristal, terei a força de vinte homens.

Então, surgiu a bruxa na porta da masmorra. Era muito alta e muito gorda. Sobre a saia, usava um manto negro todo esfarrapado.

— Você não vai beber nada, nem água do banheiro.

— Fure os olhos dela, Malvadinho! — a princesa ordenou.

O pássaro levantou voo do castiçal. Mas foi atingido por um bumerangue e caiu no chão com um guincho.

Com toda a calma, a bruxa recuperou o bumerangue e o guardou entre as dobras do manto. Com a ponta do pé, que parecia um casco de cavalo, esmagou o pássaro.

— Há muito eu devia ter matado esse bicho nojento.

— Não se aproxime — a princesa rosnou. — Eu acabo com a menina.

A bruxa não disse nada. Com a mão esquerda, puxou uma aba do manto pra esquerda. Com a mão direita,

puxou a outra aba do manto pra direita. Das dobras esfarrapadas saíram dois lobos, que foram cercando a princesa.

— Não faça isso comigo, Ermengarda! Eu sou sua irmã!

— Solte a menina.

— Não!

— Solte, ou deixo que os lobos devorem você.

— Eu solto. Mas segure essas feras.

A bruxa levantou uma das mãos. As unhas de tamanduá brilharam à luz da vela.

Os lobos pararam.

A princesa soltou Isabel, que correu pra um canto, onde ficou encolhidinha.

Sem tirar os olhos dos lobos, a princesa voltou pras correntes.

— Menina, prenda essa vampira — a bruxa ordenou.

Isabel obedeceu, sem saber como.

— Agora me dê essa chave.

Isabel deu.

A bruxa jogou a chave no chão e a quebrou em dez pedaços com o pé que parecia um casco. Depois, novamente, afastou o manto pros lados, e os lobos sumiram em suas dobras. Com satisfação, ela esfregou as mãos, as unhas de tamanduá estalando umas nas outras.

— Venha cá, menina.

Isabel ficou dura. Por pouco não tinham bebido o sangue dela. Agora, na certa, ia ser fervida num caldeirão.

— Venha cá — a bruxa repetiu, impaciente.

Isabel negou com a cabeça.

— Você é mesmo boba, hein, menina? A bruxa é ela — a bruxa disse, apontando pra princesa na parede. —

Eu sou a princesa.

— Você?! Mas...

— Mas o quê? Só porque sou feia não quer dizer que eu seja má.

— Mas... e os lobos...? — Isabel gaguejou.

— Tive de aprender uns truques pra me defender. Acabei mais poderosa que minha irmãzinha.

— O Malvadinho disse que você tem medo do escuro.

— Eu tenho, mas enfrento.

— E como eu vim parar aqui, dona... dona Ermengarda?

— Pode me chamar de Ermê. Feitiços da minha irmãzinha.

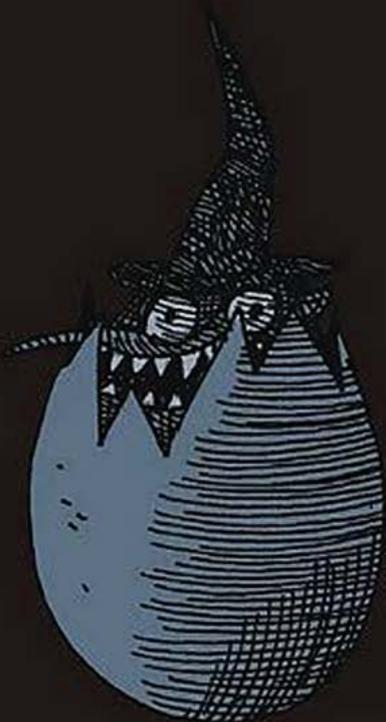
— E... como eu volto?

— Venha cá.

Isabel foi. A princesa Ermengarda abriu o manto esfarrapado, envolvendo-a. Mal Isabel sentiu os farrapos no rosto, estava deitada no assoalho, olhando pros seus chinelos embaixo da cama e pensando:

— Quero ser corajosa como a Ermê.

Você tem medo do escuro? E medo de bruxa? Então, cuidado! Na noite mais escura do ano, na hora mais escura da noite, tudo pode acontecer... Nessas sete histórias de bruxas, aventuras horripilantes – e algumas hilárias – vão deixá-lo de cabelos arrepiados. Só mesmo as armas da imaginação poderão ajudá-lo a encontrar coragem para vencer os seres inventados pelo medo e pela noite.



edelbra

ISBN 978-85-360-1146-2



9 788536 011462